

Como agir durante a

# obra ga

MARTINHO LUTERO







---

Incentivamos qualquer tipo de divulgação deste material. A verdade não é propriedade de homem algum, e, portanto, não deve ter a sua circulação restringida.

*“De graça recebestes, de graça dai”.*

Mateus 10.8

---



**Título:**

Como Agir Durante a Praga

*1ª Edição - Maio de 2020*

**Autor:**

Martinho Lutero

**Título original:**

Whether one may Flee from a Deadly Plague

- 1527 -

# ÍNDICE

---

I. Se alguém pode fugir de uma praga mortal.....	7
II. Breves instruções sobre como cuidar da alma no tempo da morte.....	29
III. Sobre os Enterros.....	33



# I. SE ALGUÉM PODE FUGIR DE UMA PRAGA MORTAL

---

*Ao Doutor Reverendo Johann Hess, pastor em Breslau, e aos seus companheiros no serviço do Evangelho de Jesus Cristo,*

*Martinho Lutero*

**G**raça e paz da parte de Deus nosso Pai e do nosso Senhor Jesus Cristo. Vossa carta, enviada para mim em Wittenberg, foi recebida algum tempo atrás. Desejais saber se é apropriado ao Cristão fugir de uma praga mortal. Eu teria respondido tempos atrás, mas Deus me disciplinou e flagelou tão severamente por algum tempo que estive incapaz de ler ou escrever demais. Além disso, me lembrei que Deus, o misericordioso Pai, dotou-vos tão ricamente com sabedoria e verdade em Cristo que vós mesmos seríeis bem qualificados para decidir esse assunto ou mesmo ponderar os problemas no Seu Espírito e graça, sem a nossa assistência.

Porém, agora que continuais a escrever-me e tendes, por assim dizer, humilhado-vos ao pedir a nossa perspectiva nesse assunto, de modo que, como S. Paulo ensina repetidamente, possamos sempre concordar uns com os outros e estarmos com um só pensamento (1 Co. 1.10; 2 Co. 13.11; Fp. 2.2). Portanto, aqui, damos a vós a nossa opinião até onde Deus nos concede entender e compreender. Humildemente, nós submetemos isso à vossa decisão e conclusão. Desde que o rumor da morte foi ouvido nestas e em muitas outras partes, temos permitido que essas nossas instruções sejam impressas porque outros poderiam também desejar fazer uso delas.

Para começar, algumas pessoas possuem a firme opinião de que alguém não necessita e não deveria fugir da praga morte. Em vez disso, visto que a morte é a punição de Deus, a qual Ele envia sobre nós por causa dos nossos pecados, deveríamos submeter-nos a Deus e, com uma fé verdadeira e firme, esperar a nossa punição. Eles olham para a fuga como um erro completo e como falta de fé em Deus. Outros tomam a posição de que alguém poderia apropriadamente fugir, caso esse alguém particularmente não tenha algum ofício público.

Eu não posso censurar o primeiro tipo pela sua decisão excelente. Eles defendem uma boa causa, a saber, uma fé firme em Deus, e merecem louvor porque desejam que todo cristão sustente uma fé firme. É necessário mais do que uma fé de leite para esperar uma morte que muitos dos santos têm temido e ainda estão em temor. Quem não aclamaria essas pessoas sinceras, às quais a morte é uma coisa pequena? Eles voluntariamente aceitam o castigo de Deus, fazendo assim sem tentar a Deus, como veremos mais adiante.

Visto que é geralmente verdadeiro que poucos cristãos são fortes e muitos são fracos, um não pode simplesmente colocar o mesmo fardo sobre todos. Uma pessoa que tem uma fé forte pode beber veneno e não sofrer qualquer dano (Mc. 16.18), enquanto alguém que tem uma fé fraca, desse modo, beberia isso para a sua morte. Pedro poderia andar sobre a água porque Ele era forte na fé. Quando começou a duvidar e a sua fé se enfraqueceu, ele afundou e quase se afogou. Quando um homem forte faz uma viagem com um homem fraco, ele deve restringir-se, de modo a não andar em uma velocidade proporcional à sua força, para que ele não coloque um ritmo que mate o seu fraco companheiro. Cristo não quer que Seus companheiros fracos sejam



abandonados, como S. Paulo ensina em Romanos 15 e 1 Coríntios 12.

Para estabelecer o assunto resumida e concisamente, fugir da morte pode acontecer de duas formas. A primeira, pode acontecer em desobediência à Palavra e ordem de Deus. Por exemplo, no caso de um homem que está aprisionado por amor da Palavra de Deus e que, para escapar da morte, nega e repudia a Palavra de Deus. Em tal situação, todos têm o claro mandato e ordem de Cristo para não fugirem, antes, devem sofrer a morte, como diz: “qualquer que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está no céu” e “não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt. 10.28, 33).

Aqueles que engajaram-se em um ministério espiritual, tais como pregadores e pastores, devem, de modo similar, permanecer firmes diante do perigo da morte. Temos um mandamento claro da parte de Cristo: “o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas, mas o que é mercenário [...] vê o lobo vindo [...] e foge” (Jo. 10.11, 12). Pois, quando as pessoas estão morrendo, elas necessitam mais do ministério espiritual que fortalece e conforta as consciências delas pela Palavra e sacramento, e superam a morte na fé. Contudo, quando pastores o suficiente estão disponíveis em uma localidade, e eles concordam em encorajar o outro clérigo a não ir, de modo a não se expor desnecessariamente ao perigo, eu não considero tal conduta pecaminosa, porque os serviços espirituais estão sendo providenciados ao povo e porque eles estariam prontos e ficariam voluntariamente, caso fosse necessário. Lemos que S. Atanásio fugiu da sua igreja para que a sua vida pudesse ser poupada, porque havia muitos outros para administrar o seu

ofício<sup>1</sup>. Similarmente, os irmãos em Damasco desceram Paulo em um cesto sobre o muro para que pudesse escapar (At. 9.25). E também, em Atos 19, Paulo permitiu-se ser guardado do arriscado perigo no mercado, porque não era essencial para ele fazer assim.

Consequentemente, todos aqueles que possuem um ofício público, tais como prefeitos, juizes e similares, estão sob a obrigação de permanecer. É a Palavra de Deus que também institui a autoridade secular e ordena que a cidade e o país sejam governados, protegidos e preservados, como S. Paulo ensina em Romanos 13.4: “as autoridades governantes são ministros de Deus para o teu bem”. É um grande pecado quando alguém, que foi chamado para governar, deixa uma comunidade inteira sem oficial ou governo, expondo-a a todo tipo de perigo, tais como as chamas, assassinos, tumultos, e todo desastre imaginável. Este é o tipo de desastre que o diabo gostaria de instigar em qualquer lugar onde não há lei e ordem. S. Paulo diz: “alguém que não tem cuidado da sua própria família, nega a fé e é pior do que um descrente” (1 Tm. 5.8). Por outro lado, se, em grande fraqueza, eles fogem, mas providenciam substitutos capazes para assegurar que a comunidade está bem governada e protegida, como nós previamente indicamos, e, se eles contínua e cuidadosamente lhes supervisionam, tudo isso seria apropriado.

O que se aplica a estes dois ofícios (igreja e estado) deveria também aplicar-se às pessoas que estão relacionadas no serviço e no dever um com o outro. Um servo não deveria deixar o seu senhor, nem a serva a sua senhora, exceto com o conhecimento e permissão do senhor ou da senhora. Ainda, um senhor

---

1 - Agostinho em MPL 30,1017

não deveria desamparar seu servo, ou uma senhora sua serva, a menos que dê adequada provisão para seus cuidados. Em todos esses assuntos, é um mandamento divino que os servos e servas deveriam prestar obediência, e, por meio do mesmo sinal, os senhores e senhoras deveriam cuidar dos seus servos<sup>2</sup>. Semelhantemente, pais e mães estão obrigados pela lei de Deus a servir e ajudar seus filhos, e os filhos aos seus pais e mães. Semelhantemente, os servos públicos, tais como os médicos da cidade, os cleros e condestáveis da cidade, ou tenha qualquer outro nome, não deveriam fugir, a menos que eles forneçam substitutos capazes, que sejam aceitáveis aos seus empregadores.

No caso de crianças que se tornaram órfãs, guardiões ou amigos próximos são obrigados a estarem com elas ou a arranjam diligentemente outra assistência para os seus amigos doentes. Sim, ninguém deveria ousar deixar o seu próximo, a menos que haja outros que cuidarão do doente no lugar deles e os alimentarão. Em tais casos, devemos respeitar as palavras de Cristo: “estive enfermo, e não me visitastes...” (Mt. 25.41-46). Segundo essa passagem, estamos ligados um ao outro, de tal maneira que ninguém pode abandonar o outro na sua aflição, mas está obrigado a lhe assistir e ajudar, uma vez que ele mesmo gostaria de ser também ajudado.

Onde tal emergência não existe, e onde há pessoas o suficiente disponíveis para assistir e cuidar do doente, e onde, voluntariamente ou por ordens, aqueles que são fracos na fé providenciam tanto que não há necessidade de auxiliares adicionais, ou onde o doente não necessita deles e recusa seus serviços, eu creio que eles têm a escolha de fugir ou permanecer. Se alguém

---

2 - Cf. Ef. 6.5-9

é suficientemente corajoso e forte em sua fé, que ele permaneça no nome de Deus; isso certamente não é pecado. Se alguém é fraco e tímido, que ele fuja no nome de Deus, contanto que ele não negligencie seu dever para com o seu próximo, mas que faça provisão adequada para outros, de modo a providenciar a assistência. Fugir da morte e salvar a vida de alguém é uma tendência natural, implantada por Deus e não é proibida, a menos que seja contra Deus e o seu próximo, como S. Paulo diz em Efésios 5.29: "Nenhum homem detestou a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta". É ainda ordenado que todo homem, o quanto for possível, preserve o corpo e a vida, e não lhes negligencie, como S. Paulo diz em 1 Coríntios 12, que Deus ordenou os membros do corpo, para que cada um cuidasse e trabalhasse pelo outro.

Não é proibido, pelo contrário, é ordenado que pelo suor do nosso rosto deveríamos buscar o nosso alimento diário, roupa, e tudo aquilo que necessitamos e evitar a destruição e o desastre sempre que pudermos, enquanto pudermos fazer assim sem prejudicar o nosso amor e dever para com o próximo. Portanto, muito mais apropriado é buscar preservar a vida e evitar a morte, se isso pode ser feito sem dano ao nosso próximo, visto que a vida é mais importante do que a comida e a roupa, como o próprio Cristo diz em Mateus 5. Contudo, se alguém é tão forte na fé, de modo que ele pode voluntariamente suportar a nudez, fome e a falta, sem tentar a Deus e sem tentar escapar, embora ele possa fazer assim, que ele continue nesse caminho, mas que ele não condene aqueles que não irão ou não poderão fazer o mesmo.

Exemplos na Santa Escritura provam abundantemente que fugir da morte não é um erro em si mesmo. Abraão era um grande santo, mas temeu a morte e escapou dela fingindo que

sua esposa, Sara, era a sua irmã (Gn. 12.13). Porque ele fez isso sem negligenciar ou afetar adversamente o seu próximo, isso não foi contado como um pecado contra ele<sup>3</sup>. Seu filho Isaque fez o mesmo (Gn. 26.7). Jacó também fugiu do seu irmão Esaú para evitar a morte de suas mãos (Gn. 27.43-45). Semelhantemente, Davi fugiu de Saul e de Absalão (1 Sm. 19.10-17; 2 Sm. 15.14). O profeta Urias escapou do rei Jeoiaquim e fugiu para o Egito (Jr. 26.21). O profeta valente Elias, em 1 Reis 19, destruiu todos os profetas de Baal por meio da sua grande fé, mas, posteriormente, quando a rainha Jezabel o ameaçou, ele teve medo e fugiu para o deserto. Antes disso, Moisés fugiu para a terra de Midiã, quando isso foi possível, e salvou sua vida, contudo, sem privar seus próximos de qualquer coisa, mas, primeiro, cumprindo as suas obrigações para com eles.

Sim, podes tu responder, estes exemplos não se referem a morrer por meio da pestilência, mas morrer sob perseguição.

Resposta: Morte é morte, não importa como ela ocorra. Segundo a Santa Escritura, Deus enviou seus quatro flagelos: pestilência, fome, espada e feras selvagens<sup>4</sup>. Se é permitido fugir de um ou de outro com consciência limpa, por que não de todos os quatro? Nossos exemplos demonstram como os santos pais escaparam da espada; é bastante evidente que Abraão, Isaque e Jacó fugiram do outro flagelo, a saber, fome e morte, quando eles foram ao Egito para escapar da fome, como somos informados em Gênesis. Semelhantemente, por que não deveria alguém

---

3 - N.T.: Apesar de parecer que Martinho Lutero esteja dizendo que Abraão não causou qualquer dano a Faraó ou a sua esposa em seu ato, creio que Lutero não se refira a qualquer tipo de dano, mas à morte propriamente dita. Ou seja, é como se dissesse: “ele fez isso sem negligenciar ou afetar adversamente a vida do seu próximo, sem conduzir qualquer pessoa a sua volta a morte”.

4 - Cf. Ez. 14.21

fugir das feras selvagens? Eu escuto as pessoas dizerem: “se a guerra ou os turcos vierem, não se deveria fugir dessa vila ou da cidade, mas permanecer e esperar pela punição de Deus pela espada.” Isso é bastante verdadeiro; que aquele que tem uma fé forte espere pela morte, mas ele não deveria condenar aqueles que fogem.

Pela mesma razão, quando uma casa está em chamas, ninguém deveria correr para fora ou se apressar para socorrer, pois esse fogo é também uma punição da parte de Deus. Qualquer um que cai em águas profundas não ouse salvar a própria vida pelo nado, mas deve render-se às águas como uma punição divina. Pois bem, faça assim, caso você possa, mas não tente a Deus e permita a outros fazerem aquilo que são capazes de fazer. Semelhantemente, caso alguém quebre a perna, seja ferido ou mordido, não deveria procurar assistência médica, mas dizer: “Isso é a punição de Deus, devo suportar até que se cure por si mesma”. O clima e o inverno congelante também são punições de Deus e podem causar a morte. Por que correr para dentro [de casa] ou aproximar-se do fogo? Seja forte e permaneça do lado de fora, até que esquente novamente. Então, não deveríamos necessitar de boticários, ou drogas, ou médicos, porque todas as enfermidades são punição da parte de Deus. A fome e a sede também são grandes punições e torturas. Por que comes e bebes, em vez de deixar-te ser punido, até que a fome ou a sede parem por si mesmas? Por fim, tal coisa conduzirá ao ponto de abreviarmos a Oração do Senhor e não mais orarmos: “livra-nos do mal. Amém”, visto que teríamos que parar a oração para que sejamos salvos do inferno e parar de buscar escapar dele. O inferno também é a punição de Deus, assim como todo tipo de mal. Onde tudo isso acabaria?

A partir do que já foi dito, obtemos essa orientação: devemos orar contra toda forma de mal e nos guardar contra ele com tudo que formos capazes, de modo a não agirmos contrários a Deus, como foi anteriormente explanado. Se for a vontade de Deus que o mal venha sobre nós e nos destrua, nenhuma de nossas precauções nos ajudará. Todos devem ter isso no coração: antes de tudo, se ele se sente obrigado a permanecer onde a morte encoleriza-se, de modo a servir o seu próximo, que se entregue a Deus e diga: “Senhor, eu estou em tuas mãos; tu me mantiveste aqui; tua vontade seja feita. Eu sou a tua humilde criatura. Tu que podes matar-me ou preservar-me nessa pestilência do mesmo modo como seria caso estivesse no fogo, água, aridez, ou em qualquer outro perigo”. Contudo, se um homem é livre e pode escapar, que ele se entregue e diga: “Senhor Deus, eu sou fraco e tímido. Portanto, estou correndo do mal e estou fazendo aquilo que posso para proteger-me contra ele. Apesar disso, nesse perigo, estou nas Tuas mãos, assim como em qualquer outro perigo que poderia vir sobre mim. Que a Tua vontade seja feita. Minha fuga somente nada pode fazer de si mesma, porque a calamidade e o dano estão em todo lugar. Além do mais, o diabo nunca dorme. Ele é um assassino desde o início e prova, em todo lugar, para instigar o assassino e a desgraça.”

No mesmo sentido, somos obrigados e devemos isso ao nosso próximo: conceder a ele também o mesmo tratamento em outros problemas e perigos. Se a sua casa está em chamas, o amor me compele a correr e ajudá-lo a extinguir as chamas. Se há por lá outras pessoas em volta o suficiente para apagar o fogo, eu posso ir para casa ou ficar para ajudar. Se ele cai na água ou em um buraco, que não ouse dar as costas, mas devo me apressar para ajudá-lo com o melhor que eu posso. Se há outros por lá para

fazer isso, eu estou liberado. Se eu vejo que ele está com fome ou com sede, eu não posso ignorá-lo, mas devo oferecer comida e bebida, não considerando se eu estarei arriscando me empobrecer ao fazer isso. Um homem que não deseja ajudar ou dar suporte a outros, a menos que ele possa fazer assim sem afetar a sua segurança ou a sua propriedade, nunca ajudará seu próximo. Ele sempre contará com a possibilidade que, fazendo assim, terá alguma desvantagem e dano, perigo e perda. Nenhuma pessoa que é próxima de outra pode viver sem risco à sua segurança, propriedade, esposa ou filho. Ele deve correr o risco que o fogo, ou algum outro acidente, iniciará na casa do seu vizinho e o destruirá fisicamente ou o privará dos seus bens, esposa, filhos e tudo que ele têm.

Qualquer um que não faz isso pelo seu próximo, mas o abandona e o deixa em sua adversidade, torna-se um assassino aos olhos de Deus, como S. João afirma em sua epístola: “Qualquer que não ama seu irmão é um assassino”, e novamente, “quem tiver os bens do mundo, e ao ver o seu irmão necessitado, fechar-lhe o seu coração, como habitará nele o amor de Deus?” (1 Jo. 3.15, 17). Isso é também um dos pecados que Deus atribuiu à cidade de Sodoma, quando fala por meio do profeta Ezequiel: “Eis que esta foi a iniquidade de tua irmã, Sodoma: orgulho, plenitude de pão, e abundância de ociosidade estavam nela e em suas filhas; nem fortaleceu a mão do pobre e necessitado” (Ez. 16.49). Por esse motivo, Cristo lhes condenará como assassinos no Último Dia, quando Ele dirá: “eu estava enfermo, e não me visitastes” (Mt. 25.43). Se este será o julgamento sobre aqueles que têm falhado em visitar o doente e necessitado, ou em lhe oferecer alívio, o que será daqueles que lhes abandonaram e deixaram jazer por lá como cães e porcos? Sim, até onde irão aqueles



que roubam do pobre o pouco que possuem e lhes atormentam de todas as maneiras? Isto é o que fazem os tiranos aos pobres que aceitam o Evangelho. Porém, os deixem ser assim; eles já possuem a condenação deles.

Onde há um governo eficiente em cidades e estados, seria bom manter casas e hospitais municipais guarnecidas com pessoas para cuidar do doente, de modo que os pacientes possam ser enviados de suas casas particulares até lá; como era a intenção e propósito dos nossos antepassados com tantos piedosos doativos, hospícios, hospitais e enfermarias, de modo que não seria necessário para cada cidadão manter um hospital em sua própria casa. De fato, seria uma disposição excelente, louvável e cristã que todos oferecessem ajuda e contribuições generosas, particularmente o governo. Onde não há tais instituições (e elas existem somente em alguns lugares), devemos dar cuidados hospitalares e sermos protetores uns dos outros, em qualquer extrema dificuldade, ou arriscar desperdiçar a salvação e a graça de Deus. Assim está escrito e ordenado na Palavra de Deus: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”; e em Mateus 7: “Portanto, todas as coisas que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também a eles”.

Agora, se uma epidemia mortal aparece, deveríamos permanecer onde nós estamos, fazer os nossos preparativos e ter coragem no fato de que estamos mutuamente ligados (como indiquei anteriormente), de modo que não podemos abandonar uns aos outros ou fugir um do outro. Primeiro, podemos estar certos que a punição de Deus virá sobre nós, não somente para nos castigar pelos nossos pecados, mas também para testar a nossa fé e amor - nossa fé naquilo que podemos ver e experimentar como deveríamos agir para com Deus; nosso amor naquilo que podemos

reconhecer em como deveríamos agir para com o nosso próximo. Eu sou da opinião de que todas as epidemias, assim como qualquer praga, são espalhadas entre o povo por meio dos espíritos malignos que envenenam o ar ou exalam um sopro pestilento que coloca um veneno mortal na carne. Mesmo assim, é ao decreto e à punição de Deus que deveríamos nos submeter, e servir o nosso próximo, arriscando as nossas vidas dessa maneira, como S. João ensina: “Se Cristo deu a Sua vida por nós, devemos dar as nossas vidas pelos irmãos” (1 Jo. 3.16).

Quando qualquer pessoa é tomada pelo horror e pela repugnância na presença de uma pessoa doente, ela deveria ter coragem e força na firme certeza de que é o diabo que suscita tal aversão, temor, e repugnância em seu coração. Ele é um demônio implacável e desonesto, que não somente tenta incessantemente destruir e matar, mas também deleita-se ao nos fazer ter medo, preocupação e apreensão mortal, de modo que consideremos o morrer como algo horrível e não tenhamos qualquer descanso ou paz por toda a nossa vida. E assim o diabo nos expelle para fora dessa vida, enquanto tenta nos desesperar para longe de Deus, nos tornando indispostos e não preparados para morrer, e, debaixo do céu tempestuoso e negro do temor e da ansiedade, nos fazer esquecer e perder a Cristo, nossa luz e vida, e abandonar o nosso próximo em suas aflições. Porque nós sabemos que induzir tais a temer e recear é o jogo do diabo, deveríamos, por sua vez, minimizar isso, tomar coragem para o aborrecer e perturbar, e enviar esses terrores de volta para ele. Deveríamos nos armar com essa resposta ao diabo:

“Fora, diabo, junto com seus terrores! Justamente porque você odeia isso, eu te aborrecerei indo o mais rápido que posso para

ajudar o meu próximo doente. Não prestarei atenção em ti. Eu tenho dois golpes pesados para usar contra ti. O primeiro é que eu sei que ajudar o meu próximo é um ato que agrada a Deus e a todos os anjos; através deste ato, eu faço a vontade de Deus e presto verdadeiro serviço e obediência a Ele. Além do mais, porque, se odeias tanto e se opõe tão fortemente contra isso, isso deve ser particularmente aceitável a Deus. Se eu pudesse agradar somente um único anjo que pudesse olhar com deleite para isso, eu o faria pronta e alegremente. Porém, visto que isso agrada ao meu Senhor Jesus Cristo e todo o exército celestial, porque isso é a vontade e o mandamento de Deus, meu Pai, então, como poderia qualquer temor de ti me fazer perder tal alegria no céu ou tal deleite do meu Senhor? Ou como poderia eu, bajulando-te, dar a ti e aos teus demônios no inferno uma razão para zombarem e rirem de mim? Não, tu não terás a última palavra! Se Cristo derramou Seu sangue por mim e morreu por mim, por que eu não deveria me expor a alguns pequenos perigos por amor a Ele e desconsiderar essa frágil praga? Se tu podes aterrorizar, Cristo pode me fortalecer. Se tu podes matar, Cristo pode me dar vida. Se tu tens veneno nas tuas presas, Cristo possui um remédio maior. Não deveria o meu querido Cristo, juntamente com os Seus preceitos, Sua bondade, e todos os Seus encorajamentos, ser mais importante em meu espírito do que tu, demônio velhaco, junto com teus falsos terrores em minha frágil carne? Que Deus não permita! Fuja, diabo. Aqui está Cristo e aqui estou eu, Seu servo nessa obra. Que Cristo prevaleça! Amém!”

O segundo golpe contra o diabo é a poderosa promessa de Deus, através da qual Ele encoraja aqueles que ministram ao necessitado. Ele diz no Salmo 41: “Abençoado é aquele que

considera os pobres; o Senhor o livrará em tempos de dificuldade. O Senhor o preservará, e o manterá vivo; e o Senhor o abençoará sobre a terra e não o entregará à vontade dos seus inimigos. O Senhor o sustentará no seu leito da enfermidade; na sua doença, ele será curado das suas enfermidades”. Essas promessas gloriosas e poderosas de Deus não estão juntas sobre aqueles que ministram ao necessitado? O que deveria nos aterrorizar ou assustar para longe de tal grande e divino consolo? O serviço que podemos prestar ao necessitado é, de fato, uma coisa pequena em comparação com as promessas e recompensas de Deus, sobre as quais falou S. Paulo a Timóteo: “A piedade para todas as coisas é proveitosa, tendo a promessa da vida que agora é, e da que há de vir” (1 Tm. 4.8). A piedade nada é senão serviço a Deus. Serviço a Deus é, de fato, servir ao nosso próximo. É provado pela experiência que aqueles que assistem ao doente com amor, devoção e sinceridade são geralmente protegidos. Embora eles sejam envenenados, eles não são prejudicados. Como o Salmo diz, “na sua doença, ele será curado das suas enfermidades”, isto é, “Tu mudarás a sua cama de doença em uma cama de saúde”. Uma pessoa que atende um paciente por causa da ganância, não deveria ser surpreendido, caso venha a eventualmente ser infectada, desfigurada, ou, até mesmo, morra antes que venha a possuir algum bem ou herança.

Porém, qualquer que serve o doente por causa da promessa graciosa de Deus - embora ele possa aceitar uma recompensa conveniente que tenha direito, na medida em que o trabalhador é digno do seu salário -, quem faz isso pode ter a grande certeza de que será cuidado. O próprio Deus será o seu assistente e o seu médico também. Que excelente assistente Ele é! Que excelente médico! Amigo, o que são todos os médicos, boticários e

assistentes em comparação com Deus? Não deveria isso encorajar alguém a ir e servir uma pessoa doente, mesmo que ele possa ter tantas feridas contagiosas sobre ele quanto os cabelos do seu corpo, ainda que ele se encurve carregando cem corpos cheios de pragas? O que todos os tipos de pestilência ou demônios podem fazer contra Deus, aquele que se compromete e obriga a ser o nosso assistente e médico? Vergonha e mais vergonha sobre ti, sobre ti, incrédulo insistente, por desprezar este grande consolo e permitir-se ter medo de algumas pequenas feridas ou de algum perigo incerto, do que ser encorajado por tais promessas certas e fiéis da parte de Deus! De que servirá para ti, se todos os médicos e o mundo inteiro estiverem ao teu serviço, mas Deus não estiver presente? Novamente, que dano poderia te surpreender, caso todo o mundo te abandonasse e nenhum médico continuasse contigo, mas Deus permanecesse contigo em Sua segurança? Sabes que estás rodeado por milhares de anjos que te assistem em tal caminho, de modo que podes, de fato, pisar sobre a praga, como está escrito no Salmo 91: “Ele dará aos seus anjos comando sobre ti; para te guardarem em todos os teus caminhos. Eles te carregarão em suas mãos, para que não tropeces o teu pé contra uma pedra. Tu pisarás sobre o leão e a víbora; esmagarás debaixo dos pés o leãozinho e o dragão”.

Por isso, queridos amigos, que não nos tornemos tão desesperados, de modo que abandonemos aqueles a quem estamos vinculados pelo dever de ajudar, e venhamos a fugir covardemente do terror do diabo, ou permitir a ele a alegria de zombar de nós, irritando e afligindo Deus e todos os Seus anjos. Pois isso é certamente verdadeiro: que aquele que despreza tais grandes promessas e mandamentos de Deus, e deixa o seu próprio povo destituído, viola todas as leis de Deus e é culpado do assassinato

do Seu próximo, a quem abandona. Eu temo que, em tal caso, a promessa de Deus será revertida e mudada em horríveis ameaças, e o Salmo 41, então, será lido contra eles, do seguinte modo: “Maldito é aquele que não providencia ao necessitado, mas foge e o abandona; o Senhor não o livrará em tempos de dificuldade, mas se apartará dele e o abandonará. O Senhor não o preservará, e não o manterá vivo; e o Senhor não o abençoará sobre a terra, mas o entregará à vontade dos seus inimigos. O Senhor não o revigorarão no seu leito de enfermidade; nem o retirará do lugar da sua enfermidade”. Isso porque “com o juízo com que julgardes sereis julgados” (Mt. 7.2). Nada além disso pode vir de tal atitude. É terrível ouvir isso, mais terrível ainda é esperar isso acontecer, ainda mais terrível é experimentar isso. O que mais pode acontecer, se Deus retirar a Sua mão e nos esquecer, exceto estar entregue completamente às coisas diabólicas e todo tipo de mal? Se alguém abandona o seu próximo, contra o mandamento de Deus, isso não poderia ser de modo contrário. Esse certamente será o destino que surpreenderá qualquer um que seja assim, a menos que se arrependa sinceramente.

Disso eu sei bem, que, se fosse Cristo ou a sua mão que estivesse padecendo pela doença, todos seriam mui solícitos e alegremente se tornariam um servo ou ajudador. Ninguém teria medo ou falta de coragem; ninguém fugiria, antes, todos viriam correndo. Ainda assim, eles não ouvem aquilo que o próprio Cristo diz: “quando o fizestes ao menor destes meus irmãos, a mim o fizestes” (Mt. 25.40). Quando Ele fala do maior mandamento, Ele diz: “O segundo é semelhante a este: ‘Tu amarás o teu próximo como a ti mesmo’” (Mt. 22.39). Nessa passagem, tu ouves que o mandamento de amar o teu próximo é igual ao mandamento maior de amar a Deus, e que aquilo que fazes ou

deixas de fazer ao teu próximo significa fazer o mesmo a Deus. Se desejas servir a Cristo e esperar nEle, muito bem, tens o teu vizinho doente perto de você. Vai até ele e o serve, e certamente encontrarás Cristo nEle, não visivelmente, mas na Sua Palavra. Se tu não desejas ou pensas em servir o teu próximo, podes ter certeza que, se Cristo estivesse lá no lugar dEle, tu também não irias e o deixarias morrer por lá. Isso que te incha com vão orgulho, a saber, que tu realmente servirias a Cristo, caso Ele estivesse lá pessoalmente, nada mais é do que uma ilusão da tua parte. Isso nada mais é do que apenas mentira. Qualquer um que quer servir a Cristo pessoalmente, certamente serviria o seu próximo da mesma maneira. Isso é dito como uma admoestação e encorajamento contra o temor e uma fuga vergonhosa, aos quais o diabo nos tentaria, para que desconsiderássemos o mandamento de Deus em nossas relações com o nosso próximo e, assim, deste modo, caíssemos em pecado.

Outros pecam de outra maneira. Eles são muito precipitados e temerários, tentando a Deus e desconsiderando tudo que pode combater a morte e a praga. Eles desdenham do uso de remédios; eles não evitam lugares e pessoas infectadas pela praga, mas levianamente se divertem disso e desejam provar quão independente eles são. Eles dizem que isso é a punição de Deus; se Ele quiser os proteger, Ele pode fazer isso sem remédios ou os nossos cuidados. Isso não é confiar em Deus, mas tentá-Lo. Deus criou remédios e nos forneceu inteligência para guardar e cuidar do corpo, de modo que possamos viver em boa saúde.

Se alguém não faz uso da inteligência ou do remédio quando poderia fazer assim sem prejudicar o seu próximo, tal pessoa injuria o seu corpo e deve ter cuidado para que não se torne um suicida aos olhos de Deus. Pela mesma razão, uma pessoa pode

renunciar a comida e a bebida, a roupa e o abrigo, e corajosamente proclamar a sua fé de que, se Deus quiser preservá-lo da fome e do frio, Ele poderia fazer isso sem a comida e sem a roupa. Na realidade, seria isso suicídio. É ainda mais vergonhoso para uma pessoa, por melhor que ela seja, não dar qualquer atenção ao seu próprio corpo e falhar protegê-lo contra a praga, e, conseqüentemente, infectar e envenenar a outros que poderiam permanecer vivos, caso tivessem cuidado do seu corpo como deveriam. Dessa maneira, ele é responsável, diante de Deus, pela morte do seu próximo e é muitas vezes pior do que um assassino. De fato, tais pessoas comportam-se como se uma casa estivesse em chamas na cidade e ninguém estivesse tentando apagá-las. Em vez disso, eles dão livre margem às chamas, de modo que toda a cidade é consumida, dizendo que, se Deus assim desejasse, Ele poderia salvar a cidade sem a água para extinguir o fogo.

Não, meus queridos amigos, isso não é bom. Usem o remédio; tomem porções que podem ajudá-los, fumiguem a casa, o campo e a rua; evitem as pessoas e lugares onde o seu próximo não precisa da sua presença ou que já tenha se recuperado, e haja como um homem que quer ajudar a apagar a cidade incendiada. O que mais é a epidemia, senão um fogo que, em vez de consumir a madeira e a palha, devora a vida e o corpo? Deverias pensar dessa maneira: “Muito bem, por causa do decreto de Deus, o inimigo nos enviou veneno e resíduos mortais. Portanto, pedirei a Deus para nos proteger misericordiosamente. Em seguida, fumigarei, ajudarei a purificar o ar, administrarei o remédio, e o tomarei. Evitarei as pessoas e os lugares onde a minha presença não é necessária, de modo a não ser contaminado e, dessa maneira, venha, por acaso, infectar e contaminar a outros, e assim causar a morte deles, como um resultado da minha negligência. Se Deus



desejar me tomar, Ele certamente me encontrará e eu terei feito aquilo que Ele esperava de mim, e assim, eu não serei responsável pela minha própria morte ou pela morte de outros. Contudo, se o meu próximo necessitar de mim, eu não evitarei o lugar ou a pessoa, mas irei livremente, como afirmei acima". Veja, essa é a fé que teme a Deus; ela não é precipitada, nem imprudente e não tenta a Deus.

Além do mais, aquele que contraiu a doença e se recuperou, deveria se afastar de outros e não admiti-los na sua presença, a menos que seja necessário. Embora alguém possa ajudá-lo no tempo da necessidade, como apontamos anteriormente, ele deveria, no devido momento, após a sua recuperação, agir também assim para com outros, de modo que ninguém se coloque desnecessariamente em perigo por sua causa e, assim, cause a morte do outro. "Aquele que ama o perigo", diz o sábio homem, "nele perecerá". Se o povo em uma cidade deveria se mostrar corajoso em sua fé, quando a necessidade do próximo assim demanda, e cuidado quando nenhuma emergência existe, e todos ajudassem a repelir o contágio o máximo que pudessem, então, o número de mortos seria, de fato, moderado. Porém, se alguém estiver em tanto pânico e abandonar os seus próximos na sua difícil condição, e se alguém for tão tolo, de modo a não tomar precauções, mas agravar o contágio, então, o diabo conseguiu o seu apogeu e muitos morrerão. Estes dois são ofensa grave a Deus e aos homens; o primeiro ao tentar a Deus e o segundo ao trazer os homens ao desespero. Consequentemente, aquele que foge, o diabo perseguirá; e aquele que fica para trás, o diabo o manterá cativo, de modo que não possa escapar dele.

Alguns são ainda piores do que esses. Eles guardam em segredo que possuem a doença e andam entre outros, acreditando

que, ao contaminar e envenenar a outros, eles podem se livrar da praga e, dessa maneira, se recuperar. Com essa ideia, eles entram nas ruas e nas casas, tentando passar a doença às crianças e aos servos, e assim salvarem-se. Eu certamente creio que essa é uma ação do diabo, que ajuda a girar a roda da fatalidade para fazer isso acontecer. Tenho ouvido que alguns são tão incredivelmente viciosos que circulam entre as pessoas e entram nas casas porque ficam tristes que a praga não chegou tão longe e desejam conduzi-la até lá, como se isso fosse travessura semelhante a colocar piolhos em roupas de pele ou mosquitos na sala de estar de alguém. Eu não sei se eu deveria crer nisso. Se isso for verdade, eu não sei se nós, alemães, não somos, na verdade, demônios em vez de seres humanos. Deve-se admitir que há algumas pessoas excessivamente abrutalhadas e perversas. O diabo nunca está ocioso. Meu aviso é que, caso tais pessoas sejam descobertas, o juiz deveria tomá-las pela orelha e entregá-las ao Sr. Jack, o carrasco, como verdadeiros e deliberados assassinos. O quê mais são essas pessoas, a não ser assassinos que estão em nossa cidade? Aqui e ali, um assassino perfura alguém com uma faca e ninguém pode encontrar o culpado. Da mesma maneira, essa raça infecta uma criança aqui, uma mulher ali, e pode nunca ser apanhado. Eles seguem rindo, como aqueles que terminaram alguma coisa. No lugar onde esse é o caso, seria melhor viver entre as bestas selvagens do que com tais assassinos. Eu não sei como pregar para tais assassinos. Eles não prestam atenção. Eu apelo às autoridades para se encarregarem e conduzi-los ao auxílio e aviso não dos médicos, mas do Sr. Jack, o carrasco.

Se, no Antigo Testamento, o próprio Deus ordenou que os leprosos fossem banidos da comunidade e compelidos a viverem fora da cidade, para prevenir a contaminação, devemos

fazer o mesmo com essa pestilência perigosa, de modo que qualquer pessoa que seja infectada esteja longe de outras pessoas, ou permita a si mesma ser removida e receber rapidamente ajuda com remédio. Sob tais circunstâncias, é o nosso dever assistir tais pessoas e não esquecê-las em sua difícil condição, como antes apontei repetidamente. Em seguida, o veneno é interrompido a tempo, o que não somente beneficia o indivíduo, mas também toda a comunidade, a qual pode ser contaminada caso alguma pessoa for permitida infectar a outras. A nossa praga, aqui em Wittenberg, foi causada por nada além do que imundícia. O ar, graças a Deus, continua limpo e puro, mas uns poucos têm sido contaminado por causa da preguiça e imprudência de alguns. Assim, o diabo se regozija no terror e na fuga que ele provoca entre nós. Que Deus possa frustrá-lo! Amém!

Isso é o que pensamos e concluimos nesse assunto sobre fugir da morte que vem pela praga. Se vós sois de opinião diferente, que Deus possa vos iluminar. Amém.



## II. BREVES INSTRUÇÕES SOBRE COMO CUIDAR DA ALMA NO TEMPO DA MORTE

---

**P**orque essa carta correrá adiante impressa de modo que o povo possa ler, considero útil adicionar algumas breves instruções sobre como alguém deveria cuidar da alma e prover para ela no tempo da morte. Temos feito isso oralmente no púlpito, e, enquanto pastores, continuaremos a fazer assim todos os dias no cumprimento do ministério ao qual temos sido chamados.

Primeiro, alguém deve admoestar o povo para que compareça à igreja e ouça o sermão, de modo que eles aprendam, por meio da Palavra de Deus, sobre como viver e como morrer. Deve ser observado que aqueles que são rudes e ímpios, de modo a desprezarem a Palavra de Deus, enquanto estão em boa saúde, deveriam ser deixados abandonados quando estão doentes, a menos que demonstrem remorso e arrependimento com grande sinceridade, lágrimas e lamentação. Uma pessoa que quer viver como um pagão ou um cão, e não se arrepende publicamente, não deveria esperar que administrássemos o sacramento para ela, ou que a considerássemos como uma cristã. Que morra da mesma maneira como viveu, porque não lançaremos pérolas diante dos porcos, nem daremos aos cães aquilo que é santo (Mt. 7.6). É triste dizer que há tantos grosseiros, endurecidos rufiões, que não cuidam das suas almas, seja na vida ou na morte. Eles simplesmente deitam-se e morrem como irracionais brutamontes.

Segundo, todos deveriam se preparar a tempo e estar prontos para a morte, indo confessar e tomar o sacramento a cada uma

ou duas semanas. Deveriam se reconciliar com o seu próximo e fazer a vontade dele, de modo que, se o Senhor bater na porta e ele partir antes que um pastor ou capelão possa chegar, tenha recebido provisão para a sua alma, nada foi deixado por fazer, e entregou a si mesmo a Deus. Quando há muitas fatalidades e somente dois ou três pastores no dever, é impossível visitar a todos, dar instrução e ensinar a cada um aquilo que um cristão deve saber na angústia da morte. Aqueles que têm sido descuidados e negligentes nesses assuntos devem prestar contas por si mesmos. Isso é a própria culpa deles. Afinal, não podemos montar um púlpito e altar privado ao lado das camas deles diariamente simplesmente porque eles desprezaram o culto e o altar público aos quais Deus tem os convocado e chamado.

Terceiro, se alguém quer que o capelão ou o pastor venha, que o doente comunique-se a tempo de chamá-lo e que ele faça isso cedo o suficiente, enquanto ele ainda está com a mente sã, antes da doença sobrecarregar o paciente. A razão disso, digo eu, é que alguns são tão negligentes que não fazem qualquer pedido e não enviam qualquer mensagem, até que a alma seja empoleirada para voar sobre a ponta de suas línguas e não sejam mais racionais ou capazes de falar. Em seguida, ouvimos: “Caro senhor, diga o melhor que puder a ele”, etc. Porém, mais cedo, quando a doença começou, não queria a visita do pastor, mas dizia: “Oh! Não há necessidade. Tenho esperança de que ele ficará melhor”. O que deveria fazer um pastor diligente com tal pessoa que negligencia tanto o corpo quanto a alma? Vivem e morrem como bestas no campo. Querem que ensinemos a eles o Evangelho no último minuto e administremos o sacramento a eles da mesma maneira como estavam acostumados sob o papado, quando ninguém perguntava se eles criam ou entendiam o Evangelho, mas

somente empurravam o sacramento goela abaixo, como se fosse em um saco de pão. Isso não faremos.

Se alguém não pode falar ou indicar por um sinal que ele crê, entende e deseja o sacramento - especialmente caso ele tenha voluntariamente o negligenciado -, não lhe daremos a qualquer momento que ele pedir. Temos sido ordenados a não oferecer o santo sacramento aos descrentes, mas, no lugar deles, aos crentes que podem afirmar e confessar a sua fé. Deixe os outros sozinhos na sua descrença; somos inocentes, pois não temos sido preguiçosos na pregação, no ensino, na exortação, na consolação, na visitação, ou em qualquer outra coisa que pertença ao nosso ministério e ofício. Essa é resumidamente a nossa instrução e aquilo que temos praticado aqui.

Não vos escrevemos isso em Breslau, porque Cristo é convosco e, sem a nossa ajuda, Ele vos instruiria amplamente e supriria as vossas necessidades com Seu próprio unguento. A Ele seja o louvor e a honra juntamente com Deus Pai e Deus Espírito Santo, e o mundo sem fim. Amém.





### III. SOBRE OS ENTERROS

---

**P**orque chegamos ao assunto sobre a morte, não posso deter-me de dizer algo a respeito dos enterros. Antes de tudo, deixo isso aos doutores de medicina e outros com maior experiência do que a minha em tais assuntos decidirem se é perigoso manter cemitérios próximos aos limites da cidade. Eu não sei e não afirmarei entender se os vapores e brumas que sobem da sepultura poluem o ar. Se isso for assim, meus avisos declarados anteriormente constituem ampla razão para alocar os cemitérios fora da cidade. Assim como temos aprendido, todos nós temos responsabilidade de afastar esse veneno o máximo que pudermos, porque Deus nos manda cuidar do corpo, protegê-lo e nutri-lo, de modo que não sejamos expostos desnecessariamente. Contudo, em uma emergência, devemos ser corajosos o suficiente para arriscar a nossa saúde, caso seja necessário. Desse modo, deveríamos estar prontos para ambos, viver e morrer, segundo for a vontade de Deus. Porque “nenhum de nós vive para si, e nenhum homem morre para si”, como S. Paulo diz em Romanos 14.

É bem conhecido que o costume na antiguidade, tanto entre os judeus como entre os pagãos, entre os santos e os pecadores, era sepultar fora da cidade. Aquelas pessoas que eram tão prudentes quanto dizemos ser nós mesmos. Isso é também evidente no Evangelho de S. Lucas, quando Cristo ressurgiu dos mortos, o filho da viúva, nas portas de Naim (pois o texto afirma que ele foi carregado para fora da cidade até ao túmulo e uma ampla multidão da cidade estava com ela - Lc. 7.11, 12). Naquela região, era a prática enterrar o morto fora da cidade.

O túmulo de Cristo também foi preparado fora da cidade.

Abraão também comprou um local de enterro no campo de Efrom, próximo da caverna dupla, onde todos os patriarcas desejavam ser sepultados (Gn. 23.9). Por isso, o latim emprega o *efferi*, isto é, “levar para fora”, pelo que queremos dizer “carregar até a sepultura”. Não obstante, algumas nações costumavam também queimar as carcaças mortas até se tornarem cinzas, de modo que nada restasse que pudesse infectar o ar<sup>1</sup>.

Por isso, meu conselho é seguir esses exemplos e sepultar os mortos fora da cidade. Não somente a necessidade, mas a piedade e a decência deveriam nos induzir a providenciar um cemitério público fora da cidade, isto é, fora da nossa cidade de Wittenberg.

O cemitério deve corretamente ser um lugar bem quieto, distante de todas as outras localidades, ao qual alguém pode ir e meditar reverentemente sobre a morte, o último julgamento, a ressurreição, e fazer as suas orações. Tal lugar deveria ser apropriadamente um lugar decente e honrado, a ser adentrado com tremor e reverência, pois, sem dúvida alguma, alguns santos repousam ali. Ele pode, até mesmo, receber pinturas religiosas e retratos pintados nas paredes.

Porém, o nosso cemitério é parecido com isso? Quatro ou cinco becos, duas ou três feiras, fazendo com que nenhum lugar em toda a cidade seja mais ativo ou barulhento do que o cemitério. O povo e o gado vagueiam sobre ele em qualquer tempo, noite e dia. Todos têm um acesso ou caminho para ele a partir da sua casa e toda sorte de coisas tomam lugar por lá, provavelmente

---

1 - N.T.: Este trecho segue a tradução de Johann von Ewich em sua obra: *The Duetie of Faithfull and Wise Magistrate, in preserving and delivering of the common wealth from infection, in the time of the plague or pestilence* (1583). Segue a tradução de Ewich do texto de Lutero: “Albeit some nations used also to burne the dead carkasses, and bring them to ashes, that there shoulde nothing remaine, that might infect the ayre”.

até mesmo alguns que não são próprios de serem mencionados. Isso destrói totalmente o respeito e a reverência pelos túmulos, e o povo considera andar por ele não mais do que se isso fosse um cemitério para criminosos executados. Nem mesmo os turcos desonrariam o lugar do modo como desonramos. Um cemitério deveria ainda nos inspirar a pensamentos elevados, à contemplação da morte e ressurreição, e respeitar os santos que lá descansam. Como pode isso ser feito em um lugar comum, pelo qual todos andam e para o qual todas as portas dos homens se abrem? Se um cemitério deve ter alguma dignidade, eu preferiria ser colocado para descansar em Elba ou na floresta. Se um cemitério estiver localizado em um lugar quieto e remoto, onde ninguém poderia ter um caminho por meio dele, seria isso uma vista espiritual, apropriada e santa, e poderia ser assim arranjada, de modo que inspiraria devoção naqueles que vão até lá. Esse seria o meu conselho. Siga-o quem desejar. Se alguém souber mais, siga-o. Eu não sou mestre do homem.

Em suma, admoestamos e arrazoamos convosco, em Nome de Cristo, para nos auxiliar com vossas orações a Deus, de modo que possamos batalhar junto com a Palavra e preceito contra a real e espiritual pestilência de Satanás em sua impiedade, com a qual ele agora envenena e contamina o mundo, isto é, particularmente contra aqueles que blasfemam do sacramento, embora também haja outros sectários. Satanás está enfurecido, e talvez ele sinta que o dia de Cristo esteja próximo. É por isso que ele ruga tão ferozmente e testa por meio dos entusiastas<sup>2</sup> roubar de nós o Salvador Jesus Cristo. Sob o papado, Satanás fez com que

---

2 - I.e., aquele que acentua um uso “espiritual” do sacramento. Cf. *que as palavras de Cristo*, “Esse é o meu corpo”, etc., *ainda permanecem firmes contra os fanáticos* (1527).

[o sacramento] fosse absolutamente “carne”, de modo que até mesmo a cobertura do monge foi considerada como sagrada. Agora, ele não é nada mais do que um completo “espírito” e a carne de Cristo e a Palavra não mais significam qualquer coisa. Eles fizeram uma resposta ao meu tratado tempos atrás, mas estou surpreso que ainda não chegou até mim, em Wittenberg. Deus permitindo, os responderei mais uma vez e deixarei a questão. Vejo que eles apenas se tornarão piores. Eles são como um percevejo que, em si mesmo, tem um cheiro desagradável, porém, quanto mais firme lhe esfregar para esmagá-lo, mais ele fede.

Espero que eu tenha escrito o suficiente nesse panfleto àqueles que podem ser salvos, de modo que (Deus seja louvado) muitos possam, por meio disso, ser retirados das suas mandíbulas e muitos outros possam ser fortalecidos e confirmados na verdade.

Que Cristo, o nosso Senhor e Salvador, possa preservar a todos nós em uma fé pura e em um amor fervente, imaculado e puro, até o Seu dia. Amém.

Ore por mim, um pobre pecador.